

YOU TUBE COMO PEDAGOGIA CULTURAL: ESPAÇO DE PRODUÇÃO CIRCULAÇÃO E CONSUMO DA CULTURA SURDA

Daiane Pinheiro - UFOPA

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin - UFSM

Apontamentos Iniciais

Os Estudos Culturais tomam sentido, na presente pesquisa, ao entender a cultura como um espaço de lutas pela significação, dentro de um complexo sistema social. Nessa perspectiva, o sentido de cultura não pode mais ser entendido como nivelamento social, intelectual ou de herança cultural, mas como uma arena de disputas entre o poder e o saber.

As concepções mencionadas deram espaço para o surgimento de uma “virada cultural”, apontando o poder dentro de uma rede discursiva hegemônica.

A cultura é um campo de produção de significados no qual diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla [...]. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder (SILVA, 2001, p. 133-134).

Neste sentido, o poder articulado dentro dos discursos é transitório, em que ele é o promotor e também o é resultante das relações e práticas sociais. São nesses jogos de poder que se constituem verdades a serem seguidas como legítimas, no entanto, não podem ser entendidas como sentidos fixos, sendo que há uma constante mobilidade atravessada por outros discursos (FOUCAULT, 2006). As relações de poder e saber, envoltas na disputa pela significação social, estão implicadas na ordem da cultura. Desse modo cultura passa a ser central, pois a linguagem é central.

A surdez é discursivamente inventada e reafirmada dentro de uma comunidade que, no conjunto de ações da linguagem, significa a sua cultura e cria identidades surdas.

É a partir desse deslocamento teórico que articulamos a pesquisa na perspectiva social e de legitimidade cultural dos sujeitos surdos. Inserido em um projeto onde são levantados artefatos de significação de identidade surda no Brasil¹, este estudo pretende discutir o consumo da cultura surda pelas comunidades surdas como forma de demarcação de espaço e poder. Essas questões, imbricadas em uma rede discursiva que produzem significados,

¹ Esse projeto, denominado “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, de cunho interinstitucional e concluído em Janeiro de 2013, fez um levantamento das produções culturais que estão significando a cultura surda brasileira.

trouxeram-nos algumas inquietações: em que espaço essa produção cultural está ocorrendo, de que forma, com quais intenções e quais efeitos?

Envolvidas nesses questionamentos, nos direcionamos especificamente ao ambiente virtual *You Tube*, em que são postados vídeos de livre acesso aos internautas. A escolha desse espaço está relacionada ao significativo conteúdo artístico cultural produzido e divulgado por sujeitos surdos. Por direcionamentos do projeto maior no qual atuamos, esse contexto investigativo tomou prioridade nos levantamentos analíticos do grupo da Universidade Federal de Santa Maria. No processo de levantamento de dados, foi possível direcionar nosso olhar às estratégias utilizadas pelos artistas surdos para manterem-se na diferença cultural. Esse olhar permitiu pensar nos meios de negociação e consumo da cultura surda em um contexto de grande circulação de significados, como o *You Tube*, articulando a isso a conveniência das produções surdas no cenário contemporâneo.

A partir desses entendimentos, nos propusemos problematizar como as produções culturais surdas constituem modos de ser surdo na contemporaneidade? Tal questionamento levou-nos a analisar a circulação e o consumo da cultura surda no ambiente virtual *You Tube*, entendendo esse contexto midiático como pedagogia cultural². Dessa forma, olhamos para os vídeos ali produzidos, como estratégias de negociação dos surdos para constituírem-se e legitimarem-se culturalmente nestes tempos. Propomos analisar como a cultura surda vem sendo negociada e consumida por artistas surdos, tomando essas produções culturais como arranjos articulados às novas formas de ser e de constituir-se no cenário contemporâneo.

Caminhos metodológicos

Os atravessamentos teóricos que constituem o pesquisador colocam-no como acionista dos processos investigativos. Neste ponto, procura-se articular alguns conceitos que operam metodologicamente na pesquisa. Esse outro modo de pensar e fazer pesquisa corrobora a perspectiva pós-estruturalista da qual o presente estudo está investido. As verdades não são fixas, imutáveis, estão sempre em um movimento contínuo de significados, pois quem tem um saber sobre algo tenta impor a sua verdade em meio às relações de poder. Neste sentido, poder e saber estão em uma mesma ordem no processo de significação.

Pensar as relações de poder em meio às práticas sociais na busca pela imposição de verdades é entender a linguagem como central no processo de significação, ou seja, são as

² O sentido em que abordamos o entendimento de uma pedagogia cultural está relacionado concepção de modos de produção de saberes, verdades, identidades e, portanto, sujeitos.

redes discursivas, constituídas pela linguagem, que darão significado para as coisas e, neste aspecto, a linguagem é compreendida como um exercício de produção da realidade. Esse entendimento é um feixe teórico que se denominou “virada lingüística” em que o processo de significação do mundo constitui-se através da linguagem, permitindo, em meio às relações de poder, representar e dar sentido para as coisas (HALL, 2003).

A cultura também toma lugar central, entendida como um campo de conflitos sociais, atravessado pelos jogos de poder/saber em que se produzem significados. É nessa lógica que a pesquisa volta-se para o entendimento de uma invenção cultural, ou seja, a linguagem produz, institui, inventa a existência de uma cultura.

Compreender, portanto, esses direcionamentos teóricos torna possível trazer o contexto e as objetivações desta pesquisa. Com o intuito de investigar processos de legitimação cultural surda, concentramos nosso interesse no ambiente virtual *You Tube*, onde as produções surdas são recorrentes, produzidas e consumidas.

O *You Tube* é um espaço virtual, um *site* que possibilita aos internautas compartilhar vídeos em formato digitalizado. O *You Tube* pode ser entendido como uma instância cultural onde se ensinam coisas, se produzem valores, representações e saberes, potencializando a noção de uma pedagogia cultural. Portanto, pode-se pensar o *You Tube* como um espaço de produção de identidades surdas, possibilitando também outras formas de interpretação e representação da condição surda. Silveira corrobora isso quando afirma que as práticas culturais na lógica das produções discursivas se unem “com a invenção, criação e estabilidade das práticas culturais em geral (...) assim como das identidades e representações produzidas por estas práticas” (SILVEIRA, 2005, p.198).

A Internet tem se tornado um instrumento de comunicação eficaz para os surdos, dando visibilidade às suas produções linguísticas, políticas e culturais. O *You Tube* assume um espaço significativo para a comunidade surda, não só na circulação e consumo, mas também como registro cultural desse povo. Torna-se, assim, um lugar de arquivamento onde os surdos podem produzir enunciados e se registrar historicamente em um tempo/espaço.

No levantamento direcionado ao projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, foram coletados 136 vídeos, os quais apresentavam informações diversas que se caracterizam como produções culturais de pessoas surdas. Os dados foram categorizados em uma planilha³ sob uma análise específica de cada conteúdo. Tal planilha contempla informações sobre cada produção, permitindo direcionar estatisticamente questões

³ Tal planilha foi modelo de catalogação dos dados e elaborada pelo grupo de pesquisa envolvido no projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”.

como tipologia textual das obras, categorias de gêneros indicadas pelo submissor dos vídeos, palavras-chave, dentre outras.

Para justificar nossas escolhas dentre as diversas produções artísticas que se apresentaram através do projeto maior no qual atuamos, apresentamos a categorização desses vídeos, escolhida pelo submissor da obra no *You Tube*, o que sugere o assunto relacionado ao conteúdo postado. Partindo de uma informação estatística, gerada com auxílio do programa Microsoft Excel e apresentada como dados quantitativos ao projeto maior, foi possível identificar algumas aproximações e incidências informativas entre as obras.

Os dados gerados apresentaram uma heterogeneidade de produções culturais surdas disponíveis no *You Tube*, destacando-se, dentre as demais categorias, assuntos relativos à educação, com 32%; ao entretenimento, com 17% e ao gênero humor, com 16%. No contexto que abordamos nesta pesquisa, foi privilegiada a coleta de cinco vídeos, os quais estão categorizados nos gêneros humor e educação, intitulados respectivamente como: “O Chamado surdo do terror”, “[Filme Surdo] Como matar os maridos”, “Doutores de IC X LIBRAS - Parte 1”, “Teatro Alegria Surda” e “Já inclusão, não sei como vou viver”⁴. Tais produções serão referenciadas nesta pesquisa respectivamente como: vídeo A, vídeo B, vídeo C, vídeo D e vídeo E.

A organização dos dados em duas categorias distintas permitiu-nos fazer outras observações, procurando, dentre esses vídeos, proximidades informativas que evidenciavam e destacavam discursos de resistência dos sujeitos surdos como meio de legitimação e reafirmação cultural nos tempos atuais.

A mídia como espaço pedagógico consumindo e negociando a cultura surda

O vídeo ‘A’ inicia simulando uma produção da WalDisney, induzindo o telespectador a representação de um longa metragem. Os sujeitos surdos envolvidos nessa produção intenciam mostrar uma adaptação do filme veiculado por essa mesma empresa cinematográfica, o qual foi intitulado no Brasil como “O Chamado”. A obra produzida pelos atores surdos mostra a história de um rapaz que assiste ao referido filme, e no decorrer da história, uma menina com cabelos longos e sobre o rosto sai de dentro de um poço e caminha em direção à tela da televisão. No entanto, ao chegar mais próxima do vídeo ela sinaliza em

⁴ Esses Vídeos podem ser encontrados atualmente nos seguintes endereços eletrônicos, respectivamente:
<http://www.youtube.com/watch?v=G6uuA-1JAU>; <http://www.youtube.com/watch?v=OkMqbOulSUM>;
<http://www.youtube.com/watch?v=PisobqsuEII>; <http://www.youtube.com/watch?v=vGvPI4egdNk>;
<http://www.youtube.com/watch?v=MICMchBUFG8>

LIBRAS para o rapaz, perguntando se ele era surdo. Em seguida a personagem sinaliza expressando que quer o rapaz junto a ela. Nesse momento a menina sai de dentro da televisão em direção ao rapaz surdo.. O protagonista da obra permanece sentado no sofá e assustado solicita à menina que mostre seu rosto. A personagem responde, em LIBRAS, que é uma menina bonita, mas ao afastar os cabelos do rosto, apresenta característica assustadoras, conforme o filme original.

A história satiriza aspectos do filme original, mostrando que a personagem principal usa Língua Brasileira de Sinais para se comunicar com o rapaz. Nesse sentido, a língua é o registro cultural dessa produção, a qual é posta em negociação pelos próprios surdos. Cabe articular essa negociação a representação do outro, como uma negação à personagem ouvinte do filme original. Isso implica pensar as estratégias utilizadas pelos personagens surdos para se manterem, nessa lógica contemporânea, como sujeitos culturais.

O Outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica e histórica (BHABHA, 2001, p. 86).

A identidade passa a ser um efeito do confrontar-se com esse outro, proporcionando a representação de si próprio. Nessa lógica, é possível pensar na personagem principal dessa obra como uma menina surda satirizada no terror estético, a qual causa um estranhamento folclorizado no uso da língua de sinais. A idéia de ser surdo é satirizada e pode ser pensada como locus do diferente anormal.

O “estranhamento” da personagem principal contradiz as representações pautadas na diferença, marcando a constituição desses sujeitos pela falta da audição. A cultura surda, nessa lógica, pode ser pensada como um efeito dos discursos produzidos pela deficiência auditiva, inscrita no registro dessa falta. Ao produzir identidades na ordem cultural surda, a obra representa a diferença pautada na deficiência do corpo surdo, o que conjectura os efeitos dos discursos que constituíram essa cultura.

Tais discursos constituintes da cultura surda partem de outras verdades anteriormente inventadas em que os surdos são os deficientes, os anormais, os estranhos. Dessa forma opera a lógica de uma força performativa a qual, segundo Yúdice (2004) pode ser compreendida como uma contra estratégia desviante dos modelos sociais impostos. São meios de atuação, negociação e resistência adotadas socialmente pelos sujeitos surdos para se manter diferentes culturalmente. A força performativa, esta nessa ordem, em que as repetições de normas vão dar lugar a algumas discrepâncias, e são a partir dessas desconexões que os surdos vêm constituindo os discursos da diferença política, linguística e cultural. Entende-se, portanto,

que é por meio dos registros da deficiência surda que tal cultura foi inventada o que acaba marcando a própria constituição desses sujeitos.

Da mesma forma, o vídeo B sinaliza um humor diluído no enredo trágico da obra. O curta-metragem identifica, nas palavras-chave “comédia” e “piada”, o teor engraçado da história. Tal produção apresenta na trama o assassinato de um jovem casado, desvelando ao final que a autoria do crime é planejada por sua própria esposa. A trama se passa na residência do casal, onde, no decorrer da história, um fantasma aparece dando dicas de fuga ao marido. Esse personagem, interpretado pelo autor da obra⁵, mostra-se uma figura humorística na história, mesmo representando um dos maridos mortos pela atual esposa do protagonista.

Larrosa (2000) infere que a ironia, como marca da pós-modernidade, provoca o riso e estabelece situações de autocrítica dos significados produzidos, representando determinadas realidades sob outro lócus interpretativo. No entanto, buscar o riso como efeito do humor irônico certamente irá depender da relação que o espectador estabelecerá na decodificação desse significado. Isso dependerá da representação consumida e as formas de subjetivação do sujeito, definindo “(...) a sua posição em relação ao preceito que ele acata” (FOUCAULT, 1983, p. 213-214).

Usar esse artifício para produzir cultura surda é um meio de desviar o convencionalismo existente em outros modos de produção militantes. Nessa ordem, produzir cultura e identidades surdas representa, pela configuração humorística, modos de constituir surdos no terreno contemporâneo. São outras estratégias de configuração cultural surda que se inscrevem nas mudanças sociais e tecnológicas da pós-modernidade, privilegiando (...) o pastiche, a colagem, a paródia, a ironia (...)” (SILVA, 2001, p. 114).

A certeza de ser surdo constituinte por uma pureza cultural é negociada através do humor. Esses sujeitos adotam outros formatos representativos sobre sua própria condição de ser surdo na atualidade. Isso pode ser articulado a uma passagem o vídeo ‘B’. Em determinado momento da trama, um amigo surdo do protagonista aparece preso com uma fita na boca pela comparsa da esposa assassina. A atitude da moça é questionada, já que o sujeito era surdo e não emitira sons. A personagem confirma a condição surda do rapaz, mas alerta que ele é um sujeito surdo oralizado, mostrado tal situação ao tirar a fita da boca do rapaz, o qual pede oralmente por ajuda. Entendendo-se tal cena como uma perspectiva irônica sobre o oralismo, percebe-se que a presença dessa marca na obra é tomada como outra estratégia de constituir-se surdo hoje.

A força performativa também age nesse sentido, com as aproximações da pureza cultural surda constituindo resíduos ou contraestratégias de resistência à própria invenção do

uso exclusivo da língua de sinais por sujeitos surdos. No entanto, em meio às novas estratégias de constituição de verdades sobre a surdez e, portanto, sobre os próprios sujeitos surdos, “o controle do riso evita (...) a troça do outro, reforçando o princípio de que o cômico deve divertir sem causar dor, ou evitar rir da dor que afeta o outro – sujeito ou objeto” (LULKIN, 2007, p.65). Dessa forma, para tratar de um tema tão caro à comunidade surda, rir de si e dos outros torna-se uma estratégia sutil, de modo a ironizar uma nova invenção – surdo oralizado – e constituir outros modos de ser surdo no contexto social atual. Nesse sentido, ser surdo cultural e usuário da língua de sinais já se tornou uma verdade legitimada, a qual passa agora a ser reinventada pelos próprios surdos. Lulkin (2007, p. 65) considera que “o retórico sustenta o discurso oficial. O paródico desenforma a verdade oficial e a reforma à sua maneira”.

A obra intitulada “Doutores de IC X LIBRAS - Parte 1” foi submetida no ano de 2009 por um artista surdo que se destaca em produções de vídeos postados no ambiente virtual *You Tube*. Articulando cenas apresentadas em um programa, jornal e novela de uma emissora com canal aberto, o autor problematiza as representações sobre a surdez postas em circulação na mídia televisiva. Tal apresentação é feita intercalada com comentários em LIBRAS (com legenda) que justificam a importância do uso da Língua Brasileira de Sinais e a divulgação da cultura surda no Brasil.

Ao mostrar algumas cenas que contribuem para idealizar o implante coclear (IC)⁵ como uma alternativa compensatória e corretora da surdez, o ator do vídeo aparece posicionado contra essa representação. As imagens são apresentadas brevemente; por meio de legenda, frases usadas no programa e no jornal são tensionadas em forma de perguntas: “Pária da sociedade?” “Linguagem de gestos?”. Essas questões são discutidas ao longo da exibição do vídeo, problematizando o uso desses termos e justificando a representação da mídia no processo de constituição do surdo deficiente.

Há uma preocupação, nessa obra, em mostrar como artefatos midiáticos estão inventando um sujeito surdo incapaz em sua condição social. As críticas referenciadas pelo ator às narrativas da mídia televisiva sobre o sujeito surdo tomam sentido quando as articulamos às concepções de produção de identidades, na constituição de modos de ser e representar as coisas. Essas são práticas que se articulam com formas pedagógicas de ensino,

⁵ O implante coclear é definido, segundo o *site* oficial de IC, como uma prótese eletrônica com alta tecnologia, usada para estimular fibras do nervo auditivo, possibilitando a amplificação sonora a pessoas com deficiência auditiva.

as quais “nos contam histórias, nos dizem como as coisas são, como as coisas não são, como as coisas devem ser” (SCHMIDT, 2006, p. 2).

A obra intitulada “teatro alegria surda” (vídeo D) faz uma analogia à inclusão de alunos surdos. Tal vídeo, postado no ambiente virtual *You Tube* em 2009 (dois mil e nove), simula uma aula em classe regular, onde o professor chama os alunos oralmente para entregar suas provas e respectivas notas. Os alunos que tiram boas notas são aplaudidos e, nesse momento, o aluno surdo incluído imita a turma, mas não sabe a ocasião de parar essa ação. Por várias vezes esse fato ocorreu, tomando a atenção do professor, que solicita a esse aluno que pare de aplaudir. Já ao final das devoluções, o professor, com a última prova na mão, pergunta à turma qual aluno tirará zero. Todos apontam para o surdo, que sem entender a situação usa sinais tentando se comunicar. Nesse momento toca o sinal e todos vão embora. O aluno surdo permanece sentado e, em seguida, é questionado pelo professor sobre sua nota. Ao revelar a esse professor sua condição surda, tal aluno coloca um nariz de palhaço e apresenta ao telespectador um cartaz escrito “inclusão”.

Subentende-se nessa descrição que a inclusão de alunos surdos é questionada de forma a ironizar esse processo. O surdo deslocado em seu ambiente de aprendizagem é prejudicado pelo retrocesso de seu desenvolvimento lingüístico e a perda de informações pedagógicas, acabando exposto a uma norma perversa do ouvintismo.

Na educação (...) a surdez como deficiência que marca um corpo determinando sua aprendizagem é inventada através do referente ouvinte, das pedagogias corretivas, da normalização e dos especialistas que fundaram um campo de saber capaz de ‘dar conta’ de todos aqueles que não se enquadram em um perfil idealizado de normalidade (LOPES, 2007, p.8).

Essa representação educacional da surdez, pautada na falta de audição marcada nos corpos surdos, toma legitimidade através dos discursos curriculares educacionais transcritos em políticas públicas inclusivas. Através desses documentos legais (MEC/SESP, 2008) há um investimento biopolítico para manter um controle sobre esses “deficientes auditivos”. Preocupam-se em categorizar tais sujeitos dentro de um grupo específico da deficiência, inventando estratégias de domínio que os coloca nas proximidades da norma ouvinte. É preciso, portanto, definir um saber científico sobre tais corpos, para então instituir as verdades sobre eles (FOUCAULT, 1999).

Essas verdades prescritas sobre a educação de surdos são efeitos das relações de poder/saber. Pautadas na cientificidade clínica, as formas de regulação política educacional desses documentos legais governam e instituem verdades que são aceitas como legítimas pela sociedade normalizadora.

Como tática de resistência a esse processo de ensino, especificamente a transformação das escolas de surdos em Atendimento Educacional Especializado, o vídeo *E* coloca em circulação outros significados, os quais apresentam um efeito negativo desse processo. A obra intitulada “Já inclusão, não sei como vou viver” não disponibiliza legenda e foi postada no *You Tube* em março de 2011 (dois mil e onze). O curta metragem inicia mostrando um jovem surdo fazendo seu caminho, aparentemente rotineiro, até sua escola. Já na instituição, só para surdos, esse aluno e os demais colegas se direcionam até a sala de aula. Após esperarem cerca de 30min a chegada do professor, eles decidem verificar as demais salas de aula para desvendarem o mistério do atraso. Nesse momento o vídeo mostra cenas de ensino aprendizagem em LIBRAS nas salas de aulas visitadas. Essa atividade envolve um grande número de alunos, os quais vão desaparecendo gradativamente. O desaparecimento dos alunos da escola também se estende aos próprios personagens da trama. Por último, o jovem surdo, protagonista da história, fica sozinho no corredor lembrando-se da escola cheia de alunos, com muitos colegas surdos conversando. Desolado com a situação, o personagem caminha lentamente pelo corredor e sua imagem também desaparece.

A obra problematiza a suspensão do caráter formal de ensino na escola de surdos e a transformação dessa instituição em AEE. Os personagens colocam em jogo o aprendizado, o uso comum da língua, a experiência, o encontro e a própria constituição comunitária envolvida por esses artefatos na escola de surdos. Dessa forma, a inclusão é posta como uma diluição desses aspectos políticos e culturais, enfraquecendo o convívio entre esses sujeitos e conseqüentemente a apreciação de comunidade surda.

A inclusão, pautada em um enunciado de direitos de todos à educação, é tomada como instrumento de regulação, mantendo esses alunos dentro de uma norma disciplinar. Para Foucault (1999, p. 302), “a norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo quanto a uma população que se quer regulamentar”.

Essas representações estão articuladas às formas de significação que se fazem circular no contexto midiático *You Tube*. Os vídeos expressam outras narrativas sobre a surdez e educação, produzindo significados legítimos de resistência atravessados pelas relações de poder/saber. É nesse contexto midiático, como palco de ensino e aprendizagem, que se produzem outros modos de ser e educar os surdos na contemporaneidade.

Apontamentos Finais

São as práticas de si, em meio às relações consigo mesmo que se exercem na cultura, que permitem a regulação de condutas e representações sobre o modo de vida. O sujeito se

posicionará de formas diferentes em cada relação que se estabelece. Assim, podem-se inventar diferentes sujeitos, dependendo do lugar em que eles se colocam em meio aos jogos de verdade. Para Foucault (2006, p. 265), as práticas de si são “um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. O sujeito surdo constitui-se na relação que ele estabelece com sua cultura, experiência e artefatos e diante daquele que o narra como tal.

Os vídeos produzidos pelos sujeitos surdos analisados neste estudo operam nessa ordem, como estratégia de fazer representar-se, constituindo verdades a serem seguidas. Para isso, é preciso fazer circular discursos legítimos para serem consumidos, em meios as relações de poder/saber, de modo a constituir sujeitos surdos na sua lógica de representação. Consolidar e fazer valer suas verdades pode estar relacionado à legitimidade dos próprios atores desses discursos.

Nesse sentido, as estratégias de legitimação são constituídas na lógica contemporânea, tomando o humor e a educação como palco dos processos de significação na atualidade. Tais temas colocam-se como “vitrine” pelos próprios sujeitos surdos na busca pela consolidação e consumo de suas verdades, produzindo também nessa ordem outras identidades surdas.

Nos vídeos humorísticos visualizados neste artigo, a sátira produz, subjetiva e ironiza a condição de ser surdo. Essas produções culturais apresentam-se em meio a movimentos contemporâneos em que rir de si e dos outros também é uma estratégia de manter-se em um lugar cultural, inventando seus próprios significados sobre ser surdo na atualidade. Foi sobre essas outras estratégias que este trabalho se propôs a pensar, considerando os processos de constituição dos sujeitos surdos na contemporaneidade e analisando tais obras artísticas como meios legitimados de produção cultural.

Opera-se nessa lógica o sentido de negociação. O sujeito surdo coloca-se em um entre-lugar em que ora é preciso “recuar”, ceder às verdades majoritariamente ouvintes, ora é preciso impor seus significados, talvez sobre outras estratégias de significação cultural. Nessa ordem, é possível pensar que os surdos “fixam” identidades culturais surdas para que apareçam e exerçam o poder, possibilitando regular e governar, legitimando os sentidos de como ser, agir e constituir-se surdo sob essas outras verdades.

Nesse sentido, legitimar a cultura surda sob essas outras estratégias, produzindo outros modos de ser surdos, não significa a criação de outra categoria menos cultural ou militante na arena de negociações. Usa-se da própria invenção cultural para produzir outros jeitos, outros significados sobre o surdo e a surdez.

Na lógica contemporânea, talvez esse sentido de pertencimento, de satisfação e salvaguarda cultural seja ainda mais valorizado em tempos em que a incerteza predomina na própria invenção das coisas. Esses sentidos predispõem à tentativa de imposição de verdades. Dessa forma, os surdos buscam estratégias distintas para produzirem sujeitos na sua lógica discursiva.

A produção de significados expostos nos vídeos são estratégias de legitimação cultural surda, podendo tal cultura também ser constituída por diferentes configurações. São formas de negociar a cultura surda, produzindo nesse jogo discursos que fazem sentido em determinado tempo histórico. As obras aqui sugeridas constituem diferentes significados inventados sobre a própria cultura surda, portanto, diferentes modos de ser surdo no cenário contemporâneo.

Referencias biográficas

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BRASIL, MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Portaria Ministerial nº 948/2007, Brasília, 07 de janeiro de 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2010

FOUCAULT, M. **O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si**. In op. cit vol V. 1983
_____ **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fintez, 1999.

_____ **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALL, S. Da Diáspora. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: **Representação da Unesco no Brasil**, 2003.

LAROSSA, J. **Pedagogia profana** - danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____ **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LULKIN, S. A. **O Riso nas Brechas do Siso**. 2007. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SCHMIDT, S. Em pauta: a aliança mídia e educação. **UNIrevista** – São Leopoldo Vol. 1, nº 3, p. 1-8, jul. 2006. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Schmidt.pdf> Acesso em: 10 de março. 2011.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

SILVEIRA, R. M. H. Discurso, escola e cultura: Breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: **Cultura, poder e educação**: um debate sobre os

Estudos Culturais em educação. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). Canoas, Ed. ULBRA, 2005. P. 167- 210.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.